

ANA MARIA MAGALHÃES

TUDO TEM  
O SEU TEMPO

AUTOBIOGRAFIA

CAMINHO



# ÍNDICE

<b>Quando a roda desanda</b>	
24 de maio de 2002 .....	15
Papagaio de papel .....	18
O agente secreto .....	20
Por minha conta .....	21
<b>O tesouro que ninguém me pode roubar</b>	
Aqui ninguém dorme enquanto não nascer o menino .....	27
Os irmãos .....	29
Ele será madeirense? .....	30
Ambiente singular .....	34
Histórias da casa .....	37
Foi castigo de Deus .....	38
«Hay la muerte en esta casa!» .....	40
Duas notáveis contadoras de histórias .....	42
O rato do primeiro velório .....	47
<b>A família do pai</b>	
Os Oliveiras .....	51
As casas do trisavô .....	62
As mulheres Davim .....	65
A minha avó Júlia .....	67
O casamento da avó Júlia .....	72
Voltas do destino .....	75
Segredos de família .....	77
Com os senhores de Entre Douro e Minho .....	80
Os primos dos nossos primos .....	84
Os anos loucos no Porto .....	90
Silveira, a joia da coroa .....	97
Os Martinhos. O misterioso senhor Martinho .....	100
<b>A família da mãe</b>	
Por parte da mãe, os lisboetas .....	109
Os Guerras e a decisão extemporânea .....	110
Os Bastos Gonçalves e a caixa de surpresas .....	114
Os pais do avô Bastos .....	114
Luís e o jogo com a morte .....	115
Noémia e o equívoco fatal .....	117

Ludgero, o meu primeiro explicador de matemática . . . . .	118
Laura e o amor legítimo clandestino . . . . .	119
Frederico José – morrer pelos outros . . . . .	119
Ramiro, pai serôdio . . . . .	121
Nônô e o melhor feitio do mundo . . . . .	121
O avô Bastos e a avó Helena . . . . .	122
Belinha, Tareka, Ninon . . . . .	124

**Como ia dizendo**

Febre tifóide . . . . .	131
Apendicite aguda . . . . .	133
O primeiro beijo . . . . .	134
O Palácio da Rosa . . . . .	137
Saboreando a magia do palco . . . . .	140
Férias no Estoril . . . . .	141
A casa do medo e a casa do medo . . . . .	142
A casa do alcapão . . . . .	144
Os primos do Estoril . . . . .	146
O Tamariz . . . . .	147
Os amigos de infância: Ana Salazar e Isabel Soares . . . . .	150
Os Magalhães Pereira . . . . .	152
O guarda do czar . . . . .	154
Ana Olívia . . . . .	156
Florindo Francisco Alegria e sua mulher . . . . .	158
Luísa do Carmo . . . . .	159
Os primeiros passos de uma contadora de histórias . . . . .	160
O Cortiço . . . . .	161

**Silveira, o nosso reino maravilhoso de sonho e de aventura**

A primeira viagem . . . . .	167
A Casa Preta . . . . .	170
A roulotte e o castelo tenebroso . . . . .	171
A chegada . . . . .	174
Caleidoscópio . . . . .	175
A procissão das velas . . . . .	183
O estranho visitante . . . . .	184
O Cabeço . . . . .	185
As vindimas na Silveira . . . . .	187
As escaladas . . . . .	189
As visitas paternas . . . . .	191
As águas de Bensaúde . . . . .	193
Portas e chaves mágicas . . . . .	194

### **Remate de uma infância feliz**

As quintas dos arredores. Lousa .....	199
As quintas dos arredores. Venda do Pinheiro .....	200
Estoril .....	202
Interregno .....	205
Entre nuvens e poeira .....	215
Entre duas etapas .....	221
Maria Martinho .....	223
Um guizalhar de campainhas .....	223
E entra em cena o João Ramalho .....	225
O afilhado que saiu do nada .....	233

### **Alvalade**

A casa, a minha casa .....	237
As porteiras ilustradas .....	240
Teófilo .....	241
A menina Rita, costureira .....	241
O senhor Jordão .....	243
Luar de janeiro .....	244
Sagrado Coração de Maria .....	251
Quietos, calados e olhando para a frente .....	259
A admirável tia Fernanda .....	264
As três graças .....	266
Casal da saudade .....	272
Férias baratas no Estoril .....	273
O ano da mansarda .....	274
O naufrágio .....	276
O mundo encantado dos mouchões .....	279
Berlengas .....	280
As alegrias de Grace Kelly .....	281
E uma era ia chegando ao fim .....	284
A nova família .....	285
As leituras e a escrita .....	287
Festas .....	289
Entre Douro e Minho .....	292
Camfield Place .....	294
E agora? .....	299
Aquelas férias em setembro .....	302

### **Dona e senhora de mim**

Cada um para seu lado .....	309
Erros de cálculo .....	310

Paixões, sustos e descobertas .....	311
Um grande susto .....	312
Natal com os Moraes Sarmiento .....	313
Páscoa no Sul de Espanha .....	317
As irmãs .....	319
E o Ribatejo entrou na nossa vida .....	322
Velhas e novas teias .....	329
«Cotuleca» e João Roiz de Castel Branco .....	331
A tia e o crítico literário .....	334
Magda .....	335
Marinela, o irmão e a vizinha .....	337
Madre S. Pedro .....	339
As meninas do lado .....	340
Se todos fossem no mundo iguais a você .....	343
Caminhando em boa companhia na Silveira .....	347
As noites em que o mundo virava do avesso .....	351
Festa na aldeia .....	352
A quinta hora .....	353
A hora da dona Noémia .....	358
No Parque das Valenças .....	361
Um adeus anunciado .....	363
Remate com fogo de artifício .....	368
O verão das despedidas .....	371
Um período sabático de eleição. Twickenham .....	374
Royal Albert Hall .....	377
O outro lado do espelho .....	379
Perfeito como nos filmes .....	384
A mais espantosa festa de Natal .....	396
De regresso a casa. Compassos de espera .....	401
Os Pupos .....	403
A insustentável leveza da liberdade .....	407
No Teatro de S. Carlos .....	410
Escócia .....	413
Figurante .....	415
Um baile à moda antiga .....	417
A ilha .....	421
O filme .....	422
Al Gharb. O reino do Algarve .....	425
As neves eternas .....	430
Última nota .....	433

QUANDO A RODA  
DESANDA



24 de maio de 2002

Entrei no consultório com a mais invulgar das preocupações: queria absolutamente passar despercebida. O radiologista tinha sido meu parceiro de grupo no início da adolescência, depois cada um seguiu a sua vida, há séculos que não nos encontrávamos, a última coisa que me apetecia era despir-me da cintura para cima na frente dele. Nunca até então frequentara aquele consultório por isso mesmo. Se o fiz foi por ordem do meu médico, Pereira Coelho para o público em geral, Mané para os amigos.

Tratando-se de um exame de rotina idêntico aos anteriores entrei serena, discreta, silenciosa. Agradou-me o ambiente de requintada sobriedade, mais me agradou ainda a semiobscuridade. Obedecendo às indicações da empregada, estendi-me ao comprido naquilo que em tempos devia chamar-se uma *chaise-longue* e que agora provavelmente terá um nome técnico. À cautela, inclinei a cabeça para trás de modo a ocultar as feições na penumbra, pois, embora os anos tenham esculpido outra face, às vezes há um lampejo que nos denuncia. Não tencionava falar. Ou tencionava apenas murmurar agradecimentos quando ele me dissesse que estava tudo bem e podia ir embora.

Enquanto esperava deixei-me invadir pelas imagens de um passado remoto que, naquelas circunstâncias, seria de prever me viessem à ideia. E vieram, com abundância de pormenores e a extraordinária nitidez que a memória sempre me permitiu.

O radiologista, que se tornou famoso como Dr. Ernesto Passos Ângelo, era, nos primeiros anos do liceu, o Passos. Alguém elegeira entre todos o nome do meio e era esse que figurava nas listas de convidados para as muitas festas que se sucediam em casa de uns e de outros a propósito de tudo e de nada.

O Passos era esguio, de pele morena, olhos ligeiramente oblíquos e expressão vagamente enigmática. Eu considerava-o a figura acabada de um príncipe mouro. Dançava bem. Falava pouco. Acamaradava guardando as distâncias. Sabia ser irónico sem magoar. Muitas vezes me surpreendeu por fazer comentários sobre assuntos que não esperava que lhe tivessem merecido atenção e sobre os quais afinal refletira a ponto de poder manifestar opiniões sólidas.

Apesar do convívio regular, entre nós os dois não havia intimidade. Só uma vez e por acaso tínhamos estado suficientemente próximos para nos sentirmos cúmplices. Foi numa festa de Carnaval em casa da Susana Lameiras. Essa festa, com data marcada para sábado magro, obedecia a regras. Estava assente que não devíamos improvisar trapalhices mas sim escolher um disfarce concreto e original, de que mais ninguém se tivesse lembrado. O que afinal era fácil, pois quase toda a gente tinha costureiras que vinham trabalhar a casa. Esse disfarce devia ainda garantir total anonimato até à hora solene de tirar a máscara.

Naquele ano, a minha mãe sugeriu que me vestisse como uma estatueta de bronze que comprara num antiquário. A ideia agradou-me. Nessa época as cores tinham nome próprio e apelido, verde-água, azul-marinho, amarelo-limão, sendo que duas mantinham os nomes franceses: «cerise» e «bordeaux». Depois de muito pensar e conversar, decidimos ir à Baixa procurar seda em tons de rosa-velho e verde-seco. Gosto de palavras fora de moda, acrescento seda roçagante para um lindo vestido comprido, ligeiramente decotado e devidamente enfeitado pelos adereços, que eram plumas, mascarilha e respetivo véu, tudo muito leve para não estragar a pintura, autorizada por ser Carnaval.

Quando finalmente chegou o dia da festa parti felicíssima mas nem por isso irreconhecível. O que afinal pouco me importava. Arrastando uma saia que rangia a cada passo, quem se importaria?

Mal entrei na sala onde já se dançava animadamente fui envolvida pelos braços de um demónio que trajava de preto com grande capa forrada de vermelho, luvas e carapuço, nem um centímetro de pele à mostra, só pequenas fendas para ver e respirar. Não sabia quem me enlaçara nem o porquê da urgência, mas o mistério depressa se esclareceu porque me segredou ao ouvido.

– Ainda bem que chegaste. Toda a gente pensa que o diabo és tu e os rapazes querem dançar comigo.

Reconheci a voz do Passos, rimos do equívoco, garanti que não o denunciava. Como a nossa exibição tornara evidente que aquele diabo pertencia ao sexo masculino o problema ficou resolvido, cada um tratou de se divertir o mais que pôde.

Embalada nesta risonha retrospectiva, cheguei a ouvir música, mas entretanto a porta abriu-se e voltei ao presente. Muito quieta, no mais absoluto silêncio, apostada em manter o anonimato, estiquei de novo a cabeça para trás e semicerrei as pálpebras de forma a poder observar a figura de bata branca que acabava de entrar e se deslocava na penumbra do consultório. De relance, constatei que mantinha o ar de príncipe mouro, embora mais encorpado. Mas o que eu queria mesmo era que o exame acabasse depressa para me ir embora dali. Na ânsia de passar despercebida, quase não respirava. De súbito, porém, captei sinais de alarme. E de tal forma se tornaram óbvios que a preocupação de não ser reconhecida deu lugar a apreensões bem mais sérias. Perguntei-lhe então:

– Pode ser um cancro?

Talvez de facto a voz não envelheça, pois, tal como já me acontecera muitas outras vezes, funcionou como cartão de identidade. O Passos reconheceu-me. E à minha pergunta direta deu as respostas diretas que eu desejava.

– Pode. E eu acho que é.

– Vou ter de tirar o peito?

– Em princípio, não. Tens de tirar o nódulo.

Estávamos frente a frente. A sua fisionomia patenteava a inquietação de qualquer médico perante qualquer doente, mas nos olhos havia um brilho extra que parecia indicar ter ele guardado também uma recordação afetuosa do tempo em que nos encontrávamos em festas de anos. Não me enganei.

## Papagaio de papel

A palavra cancro ainda projeta as pessoas para a antecâmara da morte. Tal como acontecera sempre que julguei ver a morte diante dos olhos, senti-me invadir por uma estranha calma. Usei e abusei desta expressão nos meus livros de aventuras porque sei bem do que falo; só que, nas ocasiões anteriores, o perigo fora imediato e de curta duração. Agora teria de enfrentar uma longa caminhada de incertezas, sem desfecho previsível a curto prazo. Supus que não tardaria a mergulhar no mais profundo desespero, o que afinal não aconteceu. E não aconteceu talvez devido a outra experiência que dizem ocorrer em casos de acidente: a minha vida começou a desfilar diante de mim. Inteira. Vagarosa. Colorida. Devolvendo-me os lugares, os ambientes, os cheiros e os sabores de cada etapa. E pessoas, tantas pessoas. Sempre gritei aos quatro ventos que tive uma infância feliz, que pude e soube aproveitar a juventude, que ao longo dos anos, embora passando períodos difíceis, como toda a gente, as horas más pesaram menos do que as horas boas. Mas, quando se fala em geral, o passado surge num clarão impreciso. E se nos debruçamos sobre determinado momento, só esse vem à memória. Ora nos dias que se seguiram ao diagnóstico, apesar do corupio por laboratórios e consultórios, o meu espírito não desprezava das cenas que de facto se encadeavam e apresentavam como se fizessem parte de um filme. E eu desfrutava-o em sessões contínuas mantendo uma inesperada boa disposição. Aconteceu até rir sozinha e a despropósito, mas de forma natural e tranquila, como quem de repente se lembra de alguma coisa engraçada.

Durante o período em que me preparei para a operação andei quase sempre vestida de vermelho, com um lenço de riscas ao pescoço, e estreei uns sapatos que tinha comprado em Salamanca pouco tempo antes e que guardara por um motivo pueril. Atualmente há tudo igual em toda a parte, tornou-se quase impossível trazer novidades do estrangeiro, mas na época em que ia com os meus avós a Salamanca para a «Feria» de setembro, era cada montra, cada novidade. E ninguém se lembraria de regressar a casa sem trazer pelo menos um par de sapatos espanhóis, por serem diferentes e muito mais baratos. Para minha surpresa, nessa viagem recente deparara com um modelo que ainda não tinha visto em lado

nenhum. Precipitei-me para a loja, comprei e depois guardei os meus sapatos novos, como fazia em criança quando queria prolongar o prazer de usar sapatos, roupa, um caderno, ou o que fosse, pela primeira vez.

Maio é o mês da Feira do Livro. Estava um tempo lindo, as barracas pintadas de fresco, todas de branco, resplandeciam sob o céu de Lisboa. Quando podia, ia até lá. Naquele ano coubera em sorte à Caminho um lugar do lado esquerdo de quem sobe, quase no topo. Subi e desci vezes sem conta o Parque Eduardo VII rumo à bancada dos livros infantis, onde ficava à conversa com o pessoal da casa ou a dar autógrafos. Não me cansava a escalada íngreme que a inclinação do parque exige e tudo me parecia motivo de encanto. A atmosfera límpida. Os jacarandás em flor. A azáfama em torno dos livros. Os prédios imponentes daquelas avenidas. O rio lá ao fundo correndo manso, luminoso, de um azul apaziguador.

Os sapatos espanhóis com sola de borracha e almofadados por dentro proporcionavam-me um andar leve e cheio de elasticidade. Vestida de vermelho, com as pontas do lenço a esvoaçar à roda do pescoço, percebi que me sentia uma espécie de papagaio de papel pairando ainda junto ao solo, mas já de amarras soltas e pronto a voar para longe, como se em vez de me preparar para uma operação, me preparasse para morrer. Sem angústia, sem medo, diria até sem pena. Descendo o parque, devagarinho, entretinha-me a imaginar a passagem para outro mundo de acordo com os relatos simples e ingénuos que ouvira na infância. Ia ter com os meus avós. Via-os à minha espera, de braços abertos, ansiosos por me abraçarem. E dava lastro ao enredo sem perder o tom. «Se vou como sou agora, não me reconhecem. Tenho de voltar a ser menina. Ou rapariga nova. Que afinal é o que convém à vida eterna. Mas tratando--se de um direito, também lhes assiste. Ou assistiu. Nesse caso serei eu que não os reconheço. E mesmo que se apresentem, não é disso que vou à procura.»

Não foi difícil chegar à definição exata do que pretendia. Queria-os na fase em que, sendo considerados oficialmente velhos, transbordavam energia, faziam projetos, tomavam iniciativas de toda a ordem, sem nunca, mas nunca, deixarem de estar disponíveis para nós, os netos. E como, quanto a imaginar, cada um imagina o que lhe apetece, decidi que assim os encontraria. Restava uma dúvida. As coisas só corresponderiam ao que eu desejava se me aguardas-

sem com a saudade aguda das separações breves, e já lá iam tantos anos. Dúvida inconsistente. Nenhuma eternidade abalaria o amor que nos tinham.

Por trás dos meus avós começaram então a aparecer outras figuras que me receberiam com igual alegria. E eu a acenar-lhes do lado de cá, bem-disposta, mesmo enquanto arrumava cuidadosamente os sucessivos exames médicos ou comprava uma camisa de noite fresca e confortável para levar para a casa de saúde.

Para manter esse equilíbrio interior, tive de ocultar a verdade aos meus filhos e à minha mãe. E pude fazê-lo porque contava com o apoio de muitos companheiros de longa data, que cerravam fileiras, prontos a ajudar, calibrando com afeto e arte as suas reacções aos meus estados de espírito. Conhecendo-me bem, estranhavam tanta serenidade. Expliquei que se devia ao facto de andar entretida a recordar compulsivamente momentos felizes. É a minha vida que «na alma me tem posto um não sei quê...».

## O agente secreto

Acabei por descer à terra de forma súbita e inesperada. Estava na barraca da Caminho a uma hora de pouco movimento, tinham anunciado a minha presença pelos microfones, pouco depois aproximaram-se algumas pessoas que passeavam em grupo. Não repari muito nelas porque só um rapaz se chegou à banca e não vinha comprar livros, vinha falar comigo. Não sei que idade teria, estava a entrar na adolescência. Cara redonda e sadia, pele clara sem sardas mas com algumas pintas dispersas, cabelo levemente encaracolado. Apoiou-se nos livros de braços cruzados e interpelou-me com um à-vontade delicado, pouco habitual nos rapazes em idade de transição. Explicou que tinha lido algumas aventuras, mas que os livros de que realmente gostava eram da coleção «Viagens no Tempo». Já tinha lido todos, nunca mais saíra nenhum, queria saber se tencionávamos escrever mais ou não.

Colhida de surpresa, disse-lhe que sim, com certeza que sim.

Ele era um bom comunicador e deixou-se ficar comentando as pesquisas que já tínhamos feito e as que havíamos de fazer, as épo-

cas que ainda não estavam tratadas em livro nenhum, e as que não deviam falhar, com um entusiasmo fresco e contagiante. À medida que falava, ia-me apercebendo de que a boa disposição dos últimos dias também significava desistência. E que não podia desistir assim.

Por seu lado, o rapaz compreendeu que pesquisas e rigor tornam o trabalho lento. Na intenção de garantir que, demorasse o que demorasse, continuaria cliente quando saísse o novo título, despediu-se com este remate:

– Gosto destes livros agora e acho que vou gostar a vida inteira.

Agradei-lhe o testemunho com um caloroso aperto de mão que o surpreendeu porque a bancada onde se expõem os livros não facilita os cumprimentos e talvez também porque não é costume. Mas delicadamente disfarçou o espanto e lá foi com a família ou os amigos deambular pela feira. Não podia saber que acabara de agarrar as fitas de um papagaio de papel e que as pregara ao chão.

Pena não lhe ter perguntado o nome, para o escrever aqui.

## Por minha conta

Iniciei então a escalada da via tormentosa que se abre diante de quem passa por esta experiência. Sentimentos e pensamentos desorganizados projetavam-me com violência para aquilo a que chamarei «o triângulo do inferno». Porquê eu? Vou morrer? Ou escapo? Este balanço constante e exaustivo provoca enorme sofrimento, que de volta à terra, com os pés bem assentes no chão, tinha de enfrentar por minha conta. Depressa se tornou evidente que dominar o remoinho interior não só não era fácil como talvez não fosse possível. Concentrei-me então na busca minuciosa das estratégias que pudessem tornar mais leve a travessia e de uma plataforma de equilíbrio, ainda que precário, onde pudesse dar-me ao luxo de pausas repousantes.

Escolhas do género só resultam quando a pessoa se conhece. Ora, em autoconhecimento sou mestra e devo-o em grande parte à minha mãe e à sua extraordinária capacidade de educar com clareza. Foi ela quem me aconselhou desde muito cedo:

– Nunca minta a si própria. Analise o que realmente sente e o que realmente quer, não desista enquanto não perceber os seus motivos, ainda que os não queira partilhar com mais ninguém.

Segui o bom conselho toda a vida e assim, apesar da perturbação, estava em condições de fazer as escolhas que melhor me convinham.

Ler sobre a doença só me transtornaria. Não li nada. Tinha perguntado aos médicos o que queria saber, contentei-me com as respostas que me deram.

Conversas longas e detalhadas com mulheres afetadas pelo mesmo problema só agravariam o desgosto de me ver incluída no grupo errado das estatísticas. Sendo assim, nos encontros ocasionais limitava-me a breve e discreta troca de impressões.

Naturalmente acalentei esperanças de cura evocando os dados tornados públicos sobre a elevada taxa de sobrevivência graças a novos tratamentos, mas com prudente reserva. Aceito as apregoadas vantagens de uma atitude positiva e confiante mas para os outros, não para mim. Sempre achei que se a morte ronda, convém não a meter em brios. Por isso jamais me passaria pela cabeça proclamar «vou vencer o cancro».

Não podia ser operada sem prevenir os meus filhos e a minha mãe. Disse-lhes que ia tirar um pequeno quisto sem importância e ofereci bilhetes de avião ao meu filho para ir com a namorada visitar a irmã aos Açores.

Entretanto o cirurgião dera-me a assinar um papel em que estava escrito que eu autorizava a remoção do peito, se fosse necessário. Assinei. Não ignorava que, com ou sem remoção, teria depois de me submeter a tratamentos de quimioterapia de que resulta a queda do cabelo. Somar duas angústias torna-se insuportável. Decidi adiar tudo o que se relacionasse com a perspectiva de ficar careca. Pratiquei desde a infância este tipo de adiamentos, que nem sempre são possíveis e que, quando o são, exigem esforço e treino. Treino não me faltava. Consolei-me pensando que «o cabelo volta a crescer. Assim corra tudo bem, é uma questão de tempo». Quanto tempo? Preferi não averiguar logo.

De acordo com um velho costume, preparei-me para o pior. Um dia, saindo do duche, tomei balanço e olhei-me no espelho de frente para imaginar qual seria o aspeto do tronco com uma

enorme cicatriz no lugar do peito. Vamos lá agora à balada da neve. Não caía neve na natureza, mas caiu no meu coração. Apesar disso, não fiquei arrependida. Resolvi até repetir a experiência por dois motivos. Se viesse a acontecer, não queria ver de chofre o meu corpo mutilado. E precisava de averiguar se tinha forças para enfrentar essa imagem, ou se seria preferível decidir logo ali e de uma vez por todas que prescindia do espetáculo. Incapaz de chegar a uma conclusão definitiva, refugiei-me em pensamentos reconfortantes. Vale a pena, para tentar continuar viva. Se me tirarem o peito talvez seja possível um implante. Vale a pena, sim. À distância, parece óbvio. Em plena crise nada disto é simples nem linear.

Quando emergia e atravessava períodos de otimismo, procurava saboreá-los sem euforias, para impedir que a descida seguinte me levasse demasiado fundo. Deve ter sido num desses períodos que me lembrei de escrever uma autobiografia. Creio que de início o projeto não passava de uma manobra de diversão. Se o desfilar espontâneo de cenas do passado funcionara como escudo para aguentar o primeiro embate, seria boa ideia fazer repescagens para me distrair. Comecei a puxar fios sem critério e sem ultrapassar o âmbito das intenções vagas e nebulosas que raramente se concretizam.

Acontece que meses antes tinha nascido a minha primeira neta. Meia hora depois de vir ao mundo estava ao meu colo, contemplada com enlevo por mim, pelo pai Jorge, pelo avô Zeferino. E todos três nos espantámos porque ela nos fitava de olhos tão abertos que se diria pronta a interrogar-nos no minuto seguinte. Além do amor que já estava de reserva, e finalmente se expandia, ganhando contornos inesperados, senti uma enorme curiosidade, um desejo imenso de conhecer aquela menina que, acabada de nascer, se mostrava desperta.

Pensar que talvez não chegasse a ter tempo de saber que tipo de pessoa viria a ser a minha neta entristecia-me profundamente.

Um dia, porém, veio-me à ideia que, se realmente morresse, deixar uma autobiografia era a única maneira de criar laços fortes entre nós as duas. Não a conhecia eu a ela, mas conhecer-me-ia ela a mim, e desse modo se estabelecia o diálogo.

Talvez tenha sido sobretudo por causa da minha neta Matilde que este projeto ganhou consistência. Envolveu depois a Nônô e o Martim, que na altura ainda não tinham nascido, envolverá igualmente outros netos que possam vir a nascer.

Comecei pelo relato da passagem do cabo das tormentas, que deixo em suspenso para retomar na altura própria. As histórias devem começar pelo princípio. Vamos a isso, antes que seja tarde.

# O TESOURO QUE NINGUÉM ME PODE ROUBAR



*Com um ano e meio de idade*



## Aqui ninguém dorme enquanto não nascer o menino

Nasci a 14 de abril de 1946 na clínica que os meus avós tinham montado em Lisboa por baixo da casa onde viviam, para o meu pai, recém-formado em Medicina, exercer o seu ofício de cirurgião – a Clínica Dr. Oliveira Martinho. Sei tudo o que se passou naquela noite porque tudo me foi contado e recontado até à exaustão pela família e pela senhora Isabel, empregada antiga, com estatuto de governanta, que me acolheu como se também fosse sua neta.



*A Alameda Afonso Henriques em 1946, vista do prédio onde nasci  
e vivi até aos 10 anos*

A minha mãe tinha entrado em trabalho de parto três dias antes. Toda a gente se impacientava à espera da criança que, sendo a primeira, devia ser rapaz para perpetuar o nome, gerir as propriedades e passar por Coimbra como o pai, para obter um diploma igual. Mas o menino tardava. Finalmente na noite de 13 de abril tornou-se claro que a espera ia chegar ao fim. Os meus avós já não saíram da clínica e ambos garantiam que andaram quilómetros pelos corredores. O meu pai de vez em quando ia até à sala de espera e, como era costume, encostou-se à janela aberta sobre o relvado da Alameda Afonso Henriques para chupar um cigarro até ao meio, atirá-lo fora e acender outro. O passeio em frente ficou juncado de beatas *Camel*.

No andar de cima as criadas cabeceavam de sono.

– Mas bateu a meia noite e nada – contava a senhora Isabel.  
– Elas bocejavam como umas tolas, e eu a ralar, aqui ninguém dorme enquanto não nascer o menino!

Nesta passagem enchiam-se-lhe sempre os olhos de um riso muito terno.

– Para as animar, mandei fazer café de cevada e, como não queria dar parte de fraca, até eu tomei uma chícara...

Apresentei-me aos cinquenta minutos do dia 14, anunciando o facto de ser mulher com um berreiro sem fim. A notícia teve o efeito de balde de água fria. Extenuada e coberta de suor, a minha mãe viu o marido inclinar-se para ela e dizer, antes de lhe dar um beijo:

– Para a próxima tem de ser rapaz.



*Com um mês ainda tinha a cabeça deformada pelo parto difícil.  
À direita, já sentada num banco da Alameda*

Pelas salas e pelos corredores as felicitações soavam frouxas e frouxas continuaram até que o avô Martinho, já irritado, decidiu reagir.

– Se é uma rapariga, é uma rapariga! Ainda bem que é uma rapariga!

Desta atitude enérgica e pronta se orgulhou a vida inteira.

Antes de o Sol nascer já a família capitulara debruçada sobre o berço, onde continuei a gritar sem parar durante vinte e quatro horas. O meu pai era filho único e já tinha vinte e nove anos. Coube-me renovar a alegria imensa de ver chegar uma criança desejada. O encantamento da avó Júlia viria até a criar embaraços porque eu nasci pequena, engelhada, amarelenta e com uma leve penugem na cabeça, deformada pelo parto difícil. Mas ela anunciava ao telefone que a neta era linda, de bochechas rosadas e caracóis pretos. Os parentes e os amigos que apareciam para me ver ficavam perplexos, a minha mãe ria à sucapa com as irmãs e com as primas, e riu-se comigo quando mais tarde me contou.

## Os irmãos

Nunca fui filha única. Quando dei pela minha existência já havia um berço do outro lado, onde dormia o Tó-Zé. Só me lembro de o adorar a ele e de ele me adorar a mim. Ao que não terá sido estranha a influência da minha mãe, o seu raro talento para estabelecer relações profundas e harmoniosas entre os que a rodeiam, a sua luminosa capacidade para educar e também a sua criatividade, pois inventou regras muito originais. Uma dessas regras foi nunca separar os filhos durante os primeiros anos de vida. «Os irmãos, para serem muito amigos, devem crescer juntos.»

Quando os avós queriam levar um a passear, a viajar até ao Porto ou até à quinta, a resposta era sempre a mesma: «ou levam os dois, ou não levam nenhum». Os avós submetiam-se, e podiam fazê-lo por terem à disposição uma multidão de servidores e «as criadas dos meninos». Esta deliberação materna teve como efeito vivermos juntos todas as descobertas da primeira infância. Sendo eu rapariga e ele rapaz, ainda por cima diferentíssimos como pessoas,



*Eu e o Tó-Zé*

aprendemos a olhar o mundo de duas maneiras distintas. E, tal como a minha mãe desejava, não nos limitámos ao afeto natural entre irmãos, tornámo-nos grandes amigos.

Os avós acabaram por reconhecer as vantagens do convívio permanentemente uma noite em que a família em peso se deslocou à Feira Popular. Excepcionalmente eu e o Tó-Zé seguimos em carros diferentes. Assim que nos apeámos corremos a abraçar-nos, mortos de saudades. O gesto espontâneo deixou desvanecidos até os tios e os primos que nos acompanhavam.

Uma outra regra merece destaque especial. Nunca, em circunstância alguma, a minha mãe nos comparou. «Cada um é como é, cada um deve ser tratado e estimulado de acordo com a sua natureza.»

Pudemos pois crescer lado a lado sem rivalidades, sem inveja nem ciúmes.

## Ele será madeirense?

Nos anos quarenta já eram famosos os festejos da passagem do ano na ilha da Madeira, mas para ir até lá só de barco. Curiosamente, ou talvez não, os relatos da época davam igual relevo ao fogo de artifício na baía do Funchal e aos enjoos pavorosos dos primeiros dias a bordo. Toda a gente dizia que era um horror e toda a gente se comprazia a descrever o horror. Mas os viajantes não desanimavam. Os meus pais embarcaram com amigos no fim de dezembro de 1950, e a minha mãe julgou morrer de enjoo. Mar bravíssimo, navio em dança permanente, passageiros lívidos a vomitar pelo convés, um inferno. Nessa viagem fez duas descobertas importantes. Quando, já sem forças, perguntou à toa:

«Por que é que aquele senhor está a soprar por um tubo?», desconfiou que precisava de usar óculos pois o tubo mais não era do que um jato de sopa devolvida pelo estômago. Quando finalmente pisou terra firme e os enjoos continuaram, desconfiou de que estava grávida e estava.

De regresso vinha já mais gorda e trazia na bagagem muitas surpresas que nos encantaram. Botas da Madeira. Boinas coloridas da Madeira. Bonecos madeirenses de braços no ar, a dançar. Lenços onde apareciam os mesmos bonecos, sempre a dançar, em cores muito vivas. Pequenos cestos e histórias a respeito de um cesto enorme a descer rampas com gente lá dentro aos gritos de alegria e de medo por serem cordas os únicos travões...

Eu e o Tó-Zé estávamos entusiasmadíssimos na hora da surpresa final, íamos ter um irmão! Mais um brinquedo, mas de carne e osso!

Exultantes, perguntámos:

– Ele também é madeirense?

Certamente nos explicaram que não. Em todo o caso a ilha ficou-lhe associada muito tempo. Quando já nos entendia, brincávamos a dizer que não era nosso irmão a sério, que era adotado, que a mãe o tinha trazido da Madeira. E a mãe participava na brincadeira.

– Puseram um cesto de flores à porta do hotel, eu peguei-lhe e qual não é o meu espanto quando vi no meio das flores uns olhos escuros, muito expressivos, a olharem para mim...

Este enredo lisonjeava-o.

Enquanto durou a gravidez não me lembro de alguém ter posto a hipótese de estar para nascer uma menina, falava-se era na vantagem de haver dois rapazes, um seria médico, o outro engenheiro agrónomo.

O Manel Maria nasceu a 10 de setembro de 1951, na clínica. Eu estava constipada, suponho que com febre, pois não fui autorizada a descer no próprio dia. Como era habitual, veio ordem para que



*Eu e o Manel Maria*



*O pai e a sua equipa na clínica. À sua esquerda, a parteira Caetana.  
Atrás, o motorista Zé Maria*

o Tó-Zé esperasse o meu restabelecimento. Quando fôssemos conhecer o bebé iríamos juntos, o que ambos achámos normal, mas estávamos tão excitados com a perspectiva que sentimos uma necessidade imperiosa de fazer qualquer coisa diferente naquele dia. Resolvemos que seria um batizado de boneca, melhor dizendo de boneco, que ainda hoje guardo comigo. A cabeça de loiça resistiu a tudo, os olhos mantêm-se a funcionar, abrem e fecham conforme se deita e levanta. Só o corpo mirrou e manchou de tal forma que parece ter tido peste. Apesar do aspeto lastimoso, sempre que pensei deitá-lo fora desisti no último minuto.

Para essa festa de batizado, a eterna Idalina, cozinheira natural do Pinhão, redonda de gorda, irremediavelmente analfabeta conforme descobrimos todos os que tentámos ensiná-la a ler, especialista incomparável diante dos tachos, a única capaz de confeccionar croquetes com massa tão mole que ninguém conseguia entender como os enrolava, ou de endoidecer as visitas com um simples esparguete cozido, acostumada a fazer tudo o que lhe pedíssemos e sempre de boa vontade, logo se aplicou a preparar uma boa travessa de arroz doce enfeitado com canela.

Enquanto o arroz doce arrefecia eu e o Tó-Zé decorámos o quarto, usando echarpes e lenços já velhos que pendurámos nas cadeiras, sob a orientação da Alicinha, filha de uma costureira exter-

na, a menina Palmira, açoriana da ilha do Faial, contratada ao dia para ajudar a costureira interna que, em certos períodos, não chegava para as encomendas de batas e roupas necessárias ao funcionamento da clínica.

O quarto assim enfeitado pareceu-nos lindo para uma festa, mas havia um problema difícil de resolver: quem utilizaria a colherzinha amarela, única sobrevivente do conjunto que nos deslumbrara por ser feito de um material novo chamado baquelite? Se soubéssemos que seria rapidamente substituído pelo vulgaríssimo plástico de todas as cores não se punha a questão, mas, como não sabíamos, tinha de ser discutida.

– Fica para o boneco – propôs Alicinha. – Ele é que vai ser batizado, não é?

Estava tudo pronto, as criadas tiraram os aventais, a senhora Isabel até pegou na carteira, apresentaram-se no quarto para assistir à cerimónia com a postura solene que a cerimónia exigia. No entretém de começa, não começa, tocaram à porta de serviço. Foi preciso ir abrir. E não é que apareceu um empregado da pastelaria Castália a entregar bolos para o batizado?

Tinha sido a minha mãe a fazer a encomenda pelo telefone. Refeita do parto, soubera o que preparávamos e quis associar-se. Eu tinha apenas cinco anos mas registei como notável que, acabada de ter um bebé, não se esquecesse das nossas brincadeiras.

No dia em que finalmente me consideraram apta a percorrer «a enorme e perigosa distância» entre o primeiro andar e o rés do chão, arranjaram-me, pentearam-me e lá partimos eu e o Tó-Zé, com aquele riso que sobe do peito e se estrangula na garganta. Encontrámos a mãe muito sorridente numa das camas de ferro cujo colchão subia e descia acionado



*O Manel mascarado de príncipe, o nosso principzinho*

por uma manivela. Ao seu lado, num berço com rodas, dormia o Manel. Debruçámo-nos, maravilhados. Que grandes bochechas, que grandes pestanas! Gostaríamos de lhe pegar mas estava a dormir. Nem por isso a visita foi menos excitante. Atrás de nós chegou uma prima da minha mãe, a Carminho Pinhel. Trazia de presente um gato e um cão também confeccionados em «material antepassado», neste caso antepassado de peluche. Logo ali a minha mãe resolveu que, tendo o Manel recebido muitos presentes, aqueles dois seriam para nós. «Escolham.»

– Eu cá quero o cão – disse o Tó-Zé.

– Eu cá quero o gato – disse eu.

A prima Carminho fez tal espanto por não brigarmos que guardámos aquelas frases como símbolo de bom entendimento. E voltámos a utilizá-las muitas vezes pela vida fora, sem ninguém mais entender a que diabo nos referíamos. «Eu cá quero o cão.» «Eu cá quero o gato.»

## Ambiente singular

A existência da clínica como prolongamento natural da casa onde vivíamos com os pais e os avós proporcionou-nos uma espécie de jogo íntimo com o espaço quotidiano e uma multiplicidade de experiências absolutamente fora de comum.

O prédio obedecia (e obedece) ao modelo habitual dos anos quarenta, grandes salas viradas para a frente, corredor infundável com portas de um lado e doutro, quartos de vários tamanhos, alguns espaços perdidos, cozinha colossal, quarto atrás da cozinha suficientemente espaçoso para acolher várias criadas e dotado de casa de banho própria. Este quarto, paredes meias com a sala de jantar, tinha uma gaveta incrustada por trás da lareira. Abrindo a gaveta podia ouvir-se o que diziam na sala, mas ao abrir fazia-se tanto barulho que na sala se apercebiam da escuta. As criadas só terão podido utilizá-la tomando precauções. Nós usámo-la sobretudo para enviar recados do Pai Natal ao Manel Maria, a quem ordenávamos previamente que os aguardasse sentado no tapete em frente da lareira. Este canal de comunicação fora